

PINGA-FOGO

■ **BACELLAR VAI ASSUMIR O GOVERNO** - Confirmado. O vice-governador do estado do Rio, Thiago Pampolha, abre mão de comandar o estado e assume o presidente da Assembleia Legislativa do Rio, Rodrigo Bacellar. Antes que alguém pense que é a confirmação de hipotético acordo para a sucessão de 2026, o fato reflete a decisão de Pampolha de manter uma viagem programada neste sábado, 19 de abril, para Orlando, com a família. Com a viagem do governador Cláudio Castro para Dubai e China, Pampolha poderia ficar no governo até 25. Com a saída do país, ele passa o Governo para Rodrigo Bacellar, o terceiro no comando. Caso o deputado também resolva viajar, quem assume é o desembargador Ricardo Couto.

■ **PRENÚNCIO?** - A mudança de comando no Rio do feriado reflete o clima de harmonia e tranquilidade na cúpula dos Poderes cariocas, com o governador Cláudio Castro podendo se ausentar e o mesmo com o vice, passando sem traumas o governo interino para Rodrigo Bacellar. Para uma velha raposa da política: o gesto e a normalidade pode ser um prenúncio de um bom entendimento entre os três.

■ **PORTO DE ESCÂNDALOS** - A turma de amigos chegados ao ex-prefeito Waguinho, de Belford Roxo, está aconselhando o partido Republicanos a abortar a ideia de indicá-lo para a presidência das Docas do Rio, principalmente depois que ele virou alvo da artilharia da oposição e de ações do Ministério Público Federal.

■ A Docas do Rio só poderá agravar a exposição de Waguinho, principalmente pela teia de negócios nebulosos que são realizados pela autoridade portuária em áreas críticas.

■ **O cenário fica agravado pela disposição do ex-deputado Eduardo Cunha de incentivar a tomada da Docas pelo Republicanos. No Planalto, tem gente que se arrepiam com a hipótese: "É suicídio. Não basta os escândalos destes aliados que possuímos?"**

■ O Ministro de Portos e Aeroportos, Silvio Costa Filho, tem reclamado do aumento do tom e pressão política para que este pote de ouro seja entregue ao Republicanos do Rio. A orientação dos especialistas em crise tem sido para Waguinho mergulhar e fugir dos holofotes.

■ **SALEM** - Se a Santa Inquisição estivesse valendo nos dias de hoje, tem jornalistas na política que se tornariam juízes ou juízas implacáveis. Adoram mandar nomes conhecidos para a fogueira e ainda riscam o fósforo. Até aliados e mantenedores não são poupados. Será que gostariam de ser repórteres policiais ao invés da política? A presunção da inocência não existe neste caldeirão de maldades.

■ **AUDIÊNCIA MÁXIMA** - Até o fechamento da coluna, a resposta do prefeito de Maricá, Quaquá, a uma postagem do ex-governador Garotinho já tinha ultrapassado 57 mil visualizações. O dobro da média das postagens do Instagram. Se continuar assim, vai viralizar.



'Os Mais Amados do Rio': Veja Rio premia destaques da cidade e do Estado em noite de celebração

Cerimônia no Fairmont Rio revelou os vencedores da sexta edição do prêmio, que contou com a participação de 10 mil votantes

Na última terça-feira, 15, aconteceu a cerimônia de entrega do prêmio "Os Mais Amados do Rio", uma iniciativa editorial da Veja Rio. Esta foi a sexta edição da premiação. Neste ano, foram contempladas 50 categorias, sendo oito delas estreadas. Os temas variam de bairro e praia a marca de protetor solar e imobiliária.

O interior do estado também teve destaque na eleição: foram revelados o centro cultural fluminense

se preferido, o melhor evento na Serra ou na praia, e a cidade turística mais amada. O engajamento do público carioca foi tão expressivo que, em menos de vinte dias, a pesquisa recebeu 10 mil votos.

A cerimônia aconteceu no Fairmont Rio de Janeiro, em Copacabana. Bruno Chateaubriand, colunista da publicação, e Fernanda Thedim, editora-chefe de Veja Rio, dividiram o palco da premiação.

Reginaldo Teixeira



Os premiados das 50 categorias que receberam 10 mil votos, em menos de 20 dias de pesquisa

Reginaldo Teixeira



O secretário de Turismo de Petrópolis, Pablo Kling (e), com o Rodrigo Paiva, da Bauernfest; e Adenilson Honorato, presidente do Instituto Municipal de Cultura de Petrópolis



Alexandre Freeland, diretor de Comunicação Institucional da Rede D'Or, com o publisher do Correio da Manhã, Cláudio Magnavita



Maurício Vicente Júnior, diretor do Museu Imperial, com as coordenadoras Carol Knibel e Cláudia Costa



Representantes da Rede D'Or, Klaus Guimarães, Martha Savedra, Rodrigo Gavina e Kleber Cruz



Fotos Cláudio Magnavita

O subsecretário de Turismo do RJ, Nilo Sérgio Félix, ao centro, com Arthur Bastos (e) e José Carlos Tedesco (d), assessor do TJRJ



Anfitrião e colunista da VEJA Rio, Bruno Chateaubriand com a jornalista Natália Boere



A editora-chefe da VEJA Rio e anfitriã da noite, Fernanda Thedim, ladeada por Andrea Veiga (e), sócia-diretora na VIC Assessoria em Comunicação; e Marcia Casz (d), diretora na IMM

Reginaldo Teixeira



Sílvia e Leonardo Haus (e) com Rodrigo Gerheim (Teatro Casa Grande)

Fernando Molica

Caso Bruno Henrique reforça roubalheira nas apostas

O escândalo que envolve Bruno Henrique vai muito além do futebol, mas reforça algo que apostadores fingem não ver: é impossível pressupor honestidade no ramo da jogativa. Isso vale para apostas em eventos esportivos e também para as que dependem de supostos resultados aleatórios.

Se já é complicado confiar em cassinos físicos, imagine o tamanho da inocência de quem acredita nos sorteios feitos por bets sediadas sabe-se lá onde. Um mecanismo cruel que conta com a convivência de parcelas importantes do empresariado e da política, que, assim, tornam-se sócios de algo que gera tantos problemas.

O caso do jogador do Flamengo é apenas mais um. Chama a atenção por envolver atleta de um dos maiores times do país, alguém que, entre salários e outros ganhos, recebe cerca de R\$

1,8 milhão por mês. Mas ele não é o único que, ao que tudo indica, cometeu esse crime.

A forma de apostas desenvolvida pelas bets permite uma espécie de pecado venial, o jogador não precisa fazer gol contra, meter a mão na bola dentro da área, forçar uma expulsão. Basta tomar um cartão amarelo, provocar determinado número de laterais ou de escanteios.

O problema é tudo isso lesa não apenas as grandes casas que bancam o jogo, mas também os apostadores. O dinheiro arrecadado pelos desonestos deixa de ser pago a quem confiou que tudo sairia nos conformes.

Relatos de apostadores que se tornaram adictos nesse tipo de droga — em particular, de jogos que, em tese, dependem apenas da sorte — vão na mesma na linha. No início, o

sujeito joga um valor irrisório em armadilhas como a do Tigrão, e ganha umas merrecas.

Aposta de novo, e pimba, garante mais uns trocados. E e assim vai entrando na boca do bicho, até receber a primeira grande mordida. Depois, entre chateado e arrependido, trata de jogar mais e mais para tentar o impossível, recuperar o que perdeu.

Seria até difícil acreditar que jogadores da Série A do Brasileiro, profissionais que estão em situação privilegiada em suas carreiras, seriam desonestos a ponto de manipular resultados de jogos. Mas, a julgar pelas evidências apuradas pela Polícia Federal, foi o que aconteceu.

O atleta aparentemente participou de uma jogada que permitiria a alguns parentes terem um lucro equivalente a menos de 1% do que ele recebe por

mês. Não é razoável que alguém que recebe valores tão expressivos — tudo fruto do seu trabalho, vale frisar — seja tão irresponsável e pouco inteligente a esse ponto.

Caso seja confirmado, o crime reforça a lógica narcísica que impera no país; não basta ser cada um por si, é preciso ser contra os outros, trabalhar para impedir qualquer ganho coletivo. A riqueza e a salvação são vistas como benesses privadas que precisam ser alcançadas custe o que custar.

Nossos jogadores de futebol não são ETs, não vêm de outros planetas, mas daqui mesmo, do Brasil. Carregam com eles marcas cada vez mais acentuadas de um individualismo radical, que chega a rejeitar soluções mais abrangentes e solidárias. Talvez não seja exagero dizer que a seleção brasileira deixou de ser um grupo, vi-

rou uma reunião de sujeitos que atuam principalmente por si, algo que se reflete na pouca identificação com um time outrora adorado.

Bruno Henrique, ao que parece, tratou de jogar para os outros os problemas financeiros de seus parentes. É um direito dele não querer ajudar familiares que não conseguiram superar as dificuldades impostas aos mais pobres, o problema é lançar essa bola errática para os outros.

Não se trata de defender as bets, empresas que sequer deveriam existir. A questão é outra, tem a ver com honestidade, com um compromisso básico com o trabalho que ele exerce, com o fato de ser ídolo de tantas pessoas. Pior é que, no fim das contas, se tudo for mesmo comprovado, Bruno Henrique servirá de exemplo, mas do que não deve ser feito.